

Até 29 de julho de 2001, duas exposições ocorrem paralelamente no Museu de Arte Moderna de São Paulo em sua sede do Parque do Ibirapuera. A produção dos anos 1997 a 200 de Vik Muniz na Grande Sala e uma quase retrospectiva de Hermelindo Fiaminghi na anexa Sala Paulo Figueiredo. Quase, em razão do relativo pequeno número de obras expostas, cobrindo um período de 50 anos. Antes de continuar, “brasileiramente”, afirmo que admiro – e muito – todos os envolvidos.

No entanto, fica uma pergunta: por que a trajetória do artista octogenário está na sala menor?

Hermelindo Fiaminghi (1920), após estudar no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e com Waldemar da Costa, integrou em 1955 o Grupo Concreto - base do concretismo paulista – e participou da primeira Exposição Nacional de Arte Concreta em São Paulo (1956) e no Rio de Janeiro (1957). Com presença em oito edições da Bienal de São Paulo representa exemplarmente a produção da melhor arte por profissionais gráficos, produção que gerou a ortodoxia geométrica do concretismo bandeirante.

Vik Muniz (1961), fotógrafo, desenhista e gravador, vive em Nova Iorque desde 1983 e tem mais de quarenta exposições individuais e uma centena de coletivas nos EUA, Europa e Brasil, país que representa na 49ª Bienal de Veneza neste 2001.

É improvável que a produção do fotógrafo seja numericamente superior à do concretista de primeira hora no Brasil, pois quatro décadas de vida os separam. Também não se pode falar de adequação do espaço à escala das obras; as grandes telas de Fiaminghi desmentiriam.

Falando claramente: se um pintor octogenário de importância histórica não merece estar na sala maior, então as duas exposições não deveriam ser concomitantes!

Contrargumento: a programação das duas salas do Ibirapuera pode ser independente e as curadorias certamente são. Explica, mas não justifica. Permanece a responsabilidade institucional pela leitura que o público fará da simultaneidade.

Se uma das exposições tivesse um conteúdo ou técnica mais intimista ou se uma das exposições fosse uma coletiva, haveria uma lógica a defender. Intimidade na sala menor ou, até mesmo, universalidade na sala menor e recorte individual valorizado na maior. Entretanto, ambas as mostras são individuais com obras de envergadura no rato de questões da arte, seja a visualidade pura, cor e luz, seja vinculações entre matéria e conteúdo, armadilhas da percepção, interferência no tecnológico, metalinguagem, imanência e efêmero.

Nem idade, nem juventude são virtudes. É, contudo, inegável que a possibilidade de um artista descaracterizar sua carreira por erros futuros diminui com a idade. Esta verdade probabilística faz refletir sobre as dificuldades de ser artista no Brasil, sobre dependência cultural, sobre as relações entre criadores, intermediários e público da arte.

Já se disse que o Brasil é um país que não deixa seus grandes homens descansarem. É preciso estar permanentemente em evidência – “matar um leão de manhã e um tigre à tarde, todos os dias” – para não ser esquecido. A falta de memória racional, o apego à novidade, as carências de informação cultural trabalham contra a continuidade de carreiras.

Conhecido deputado disse certa vez que o drama da vida pública é a morte do eleitor, pois é caso raro o do político que consegue transpor uma geração com votos. No Brasil, em arte,



os artistas teimam em viver mais! Existe fator adicional a considerar: as alianças com colecionadores, comerciantes, instituições e mídia. À medida que o artista envelhece, o leque de relações que o sustentava – as vezes literalmente – vai se desfazendo, senão por morte, por aposentadoria.

Além da crônica necessidade que nós brasileiros temos de ver nossos valores reconhecidos no exterior para nos certificarmos deles, outro aspecto do comportamento nacional é o desapego do planejamento. Confundimos criatividade com improvisação, informalidade com desatenção, necessário apoio ao jovem com esquecimento do anterior. Contamos com a desinformação ou passividade do público para descuidar da coerência de ações.

A maior coerência no desenvolvimento de carreiras artistas nas artes plásticas beneficiaria a todos, coerência que significa seleção de exposições a promover ou participar; cuidado com material e conservação da obra, quando for o caso; freqüente revisão da trajetória alcançada. Os primeiros beneficiados seriam os próprios artistas, mas também instituições e até mesmo o chamado mercado de arte contemporânea, todos hoje sujeitos a modismos. Sobreviver de arte exige dar as carreiras tratamento profissional, como sempre se faz na Europa e EUA.

Telmo Giolito Porto

arte contemporânea